



Sigmund Freud

A Psicanálise na berlinda

Setu-Co Yamashiro

Licenciada em Letras pela USP e mestra e doutora em
Comunicação e Semiótica pela PUC-SP

A fundação da psicanálise pode, sem contestação, ser atribuída a Sigmund Freud, médico judeu, que passou quase toda sua vida em Viena.¹

Seu primeiro artigo Freud publicou-o em 1894, portanto aos 38 anos de idade, e se chamava “As psiconeuroses de defesa”(Die Abwehr Neuropsychosen)(1). Foi Freud mesmo quem empregou pela primeira vez o termo ‘psycho-analyse’, no artigo publicado em francês “L’hérédité et l’étiologie des névroses”(2). Em alemão, o termo ‘Psychoanalyse’ é empregado por Freud pela primeira vez em 1896, em “Novas observações sobre as psicoses de defesa” (Weitere Bemerkungen über die Abwehr Neuropsychosen)(3).

A psicanálise, depois de virar moda, quase uma febre, sobrepondo-se aos demais saberes do chamado campo psi, isto é, mais psiquiatria e psicologia, perdeu sua posição hegemônica principalmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e em vários países europeus. Na França, em 2005, é lançado, sob coordenação de Catherine Meyer, *O livro negro da psicanálise* (4). O livro que reúne mais de 40 artigos de psiquiatras, filósofos, historiadores e inclusive de ex-pacientes faz ataque virulento à psicanálise e a seu fundador. Esse ataque levou psicanalistas importantes como Elisabeth Roudinesco e J. A. Miller a uma reação de igual tamanho e gerou uma polêmica que ganhou a grande imprensa. Elisabeth Roudinesco publica, no mesmo ano, *Pourquoi tant de haine? Anatomie Du Livre noir de La psychanalyse* (5) e J.A. Miller, *L’anti-Livre noir de la psychanalyse* (6), no ano seguinte. Ambos, além de indagarem o porquê de tamanha virulência, ainda apontam a total inconsistência dos argumentos do livro organizado por C. Meyer. O livro e a polêmica por ele gerada, na verdade, revelam

o avanço das neurociências e das TCC (terapias comportamentais e cognitivas) nos Estados Unidos e no mundo e representam uma tomada de posição dessas novas práticas e da ‘medicalização’ e ‘psiquiatrização dos normais’, conforme expressões do psicanalista e professor da UFR Joel Birman, em artigo publicado pelo jornal O Estado de São Paulo, em 21 de maio de 2011.

Em defesa da psicanálise resta-nos “apenas” uma obra imensurável, fruto de anos de investigação e de reformulação incansável, legada por Freud e reafirmada por seguidores como Lacan e filósofos como Derrida.

Primeiramente, a psicanálise pode ser entendida como um método de investigação de processos mentais que se baseia na técnica de associações livres. A psicanálise pode ser entendida também como sinônimo de psicoterapia que utiliza o método de investigação da psicanálise em busca do elemento patogênico que causa distúrbios neuróticos no analisando. E, finalmente, psicanálise é o conjunto de teorias acumuladas pela investigação e pela prática psicanalítica.

Aqui vão alguns poucos fundamentos da psicanálise que nem Freud ou qualquer outro psicanalista defendeu como ciência. Trata-se de uma prática ou disciplina que leva em conta o sujeito, portanto não pode constituir-se como ciência. Vale lembrar ainda que nada, muito menos o que vai aqui escrito, substitui o prazer da leitura do original. Em todo caso...

O alvo da psicanálise é o ser humano e, segundo ela, o ser humano é um ser dividido (segundo Lacan, um “ser sexuado que fala”). Por ser dividido entre consciente e inconsciente sente ele angústia, desejo, ansiedade e medo. Consciente e inconsciente constituem a psique humana, cujo funcionamento a psicanálise busca alcançar.

Freud afirma que o ser humano é regido pelo *princípio de prazer* e por seu par, que se contrapõe a ele, o *princípio de realidade*.

É o *princípio de prazer* que comanda o funcionamento de nossa psique, de nossa mente. Segundo o *princípio de prazer*, a atividade psíquica do ser humano tem por finalidade a busca do prazer, evitando o desprazer. Como os seres humanos, diferentemente dos demais animais, não nascem prontos, necessitam de cuidados sem os quais não sobrevivem. A primeira dessas necessidades é a da nutrição. O *princípio de prazer* está ligado a essa primeira necessidade e tem origem no que Freud chama de *vivência de satisfação*, que é a experiência originária, isto é, a primeira experiência do lactente, através da qual a tensão interna provocada pela necessidade de nutrição é apaziguada, satisfeita. A

satisfação passa, então, a associar-se à imagem do objeto que propiciou a satisfação, o prazer, isto é, o seio materno. Quando a necessidade ressurge, ocorre o reinvestimento, isto é, a colocação da energia psíquica na imagem do objeto de satisfação. Se o objeto satisfatório não está presente, ocorrerá a satisfação alucinatória. E o desejo do sujeito resultará do conjunto das duas experiências, a satisfação real e a satisfação alucinatória, tendo como modelo a satisfação primeira, isto é, a vivência de satisfação. Voltaremos à questão mais adiante.

O *princípio de realidade* tem a função de modificar o *princípio de prazer*, tendendo a adaptar o sujeito à realidade. No lactente, a adaptação à realidade se faz através da gustação como uma forma de se assegurar de que não se trata de alucinação. No adulto, em geral, o *princípio de realidade* impede que a satisfação ocorra de forma imediata, submetendo-a a condições da realidade exterior, através de desvios e adiamentos.

O bebê, ao alimentar-se no seio materno, descobrirá que a amamentação não é simplesmente uma atividade de satisfação de uma necessidade biológica; descobrirá também que se trata de uma atividade que causa prazer. Essa é a primeira manifestação da sexualidade, segundo Freud, pois o prazer associado ao ato de sugar o seio da mãe traz uma nova dimensão à relação mãe e filho. A boca da criança, além de sua função biológica, transforma-se numa *zona erógena*, e sua relação com a mãe adquire, então, uma nova dimensão: a libidinal.²

Para melhor compreensão, é preciso entender a distinção que Freud faz entre instinto e pulsão, embora o próprio Freud tenha empregado, em algumas ocasiões, um termo pelo outro.

O instinto refere-se ao comportamento animal, sendo seu objeto de atração fixo, visto obedecer a um padrão do corpo físico-biológico.

A pulsão³ tem origem em fenômenos orgânicos que geram tensões internas a que o sujeito não pode escapar. Ela está no limite entre o psíquico e o somático, isto é, as excitações endossomáticas têm expressão no psíquico. Mas o destino da pulsão e o objeto de escolha são psíquicos. Como se trata de uma qualidade psíquica libidinal, o objeto é indeterminado e obedece a um padrão do corpo não biológico, mas imaginário. A relação pulsão-objeto é, pois, instável. O instinto tem por finalidade, simplesmente, a reprodução da espécie. A pulsão desvia essa finalidade, porque faz um percurso em busca do prazer. Devido a sua carga de energia, tem caráter irreprímível e é um fator

de motricidade. Mas seu fim e objeto não são fixos. A sexualidade, então, surge da pulsão que, faz um outro caminho, desviando-se do instinto biológico natural de autopreservação para outra finalidade. Por isso, para Freud, a sexualidade em si mesma é uma “perversão”.

A criança, em sua evolução psicosexual, passa por três fases, relativas às pulsões parciais, até a organização da libido, que Freud chama de “primado da zona genital”.

Já tratamos, brevemente,⁴ da primeira fase da evolução libidinal que é a oral. A boca e os lábios do bebê, na atividade de amamentação, tornam-se zona erógena, isto é, além da função de alimentação, causam prazer. A partir daí, ou mais precisamente, a partir da vivência de satisfação, a relação de amor com a mãe deixará marcas no desejo do sujeito e na escolha de seu objeto de desejo.

A fase anal é a segunda fase da evolução libidinal e pode ser situada entre os dois e quatro anos de idade. Nessa fase, temos a primazia do ânus como zona erógena, isto é o prazer da defecação com a expulsão ou retenção das fezes.

A fase fálica⁵ se caracteriza por uma unificação das pulsões parciais sob o primado dos órgãos genitais. Ela é chamada “fálica” e não “genital”, porque, de acordo com Freud, a criança só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino. A oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico-castrado.

Essa organização dos impulsos libidinais é gradual e as três fases que a constituem não acontecem numa sequência rígida, mas se confundem. É principalmente no corpo da criança que acontece o jogo dos impulsos, a que Freud chama de ‘auto-erotismo’, quando a criança encontra prazer erótico no próprio corpo, que ela ainda vê de forma fragmentada. O que significa que, nos primeiros anos de vida da criança, o sujeito não é unificado e que os limites entre ela e o mundo exterior não são determinados.

Na evolução da personalidade e na orientação do desejo humano, tem importância fundamental o complexo de Édipo.

O desejo é inconsciente e constitui-se, como vimos, a partir da vivência de satisfação, portanto ligado ao princípio de prazer. A busca da realização de desejo se faz através de um objeto que se identifique com a percepção ligada à vivência de satisfação. O desejo se origina nessa vivência, na busca da satisfação real, mas se forma segundo o modelo da satisfação alucinatória primitiva. Sendo sexuado e racional, o ser humano, além da necessidade, que se satisfaz com o fornecimento de um objeto específico, tem demanda e a demanda

ficará insatisfeita porque ela alucina o objeto do desejo. A demanda é, na verdade, demanda de amor. Desejo é a alucinação do seio, fruto do desejo da mãe e do filho. Desejo é o desejo de incesto. Todos os objetos do desejo sustentam o desejo e o mantêm aquém da satisfação total do incesto. O desejo resulta da defasagem entre a necessidade e a demanda. É um resto. Não tem a ver nem com a necessidade nem com a demanda.

Quanto ao ‘complexo de Édipo’, a expressão só aparece tardiamente’, em 1910, nos estudos de Freud, embora, na carta dirigida a seu amigo Wilhelm Fliess, em 15 de outubro de 1897, já se refira ao poder do mito de Édipo-Rei. Em nota acrescentada em 1920 aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” Freud declara: *“Nele (no complexo de Édipo) culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos posteriores, influencia de maneira decisiva a sexualidade do adulto. Cada novo ser humano confronta-se com a tarefa de dominar o complexo de Édipo, e aquele que não consegue realizá-la sucumbe à neurose”* (7a). Segundo Freud, o ápice do complexo de Édipo se dá durante a fase fálica, isto é, entre os três e os cinco anos de vida.

O complexo de Édipo em sua forma chamada simples e positiva, que é como aparece no mito grego (desejo da morte ao rival do mesmo sexo e desejo sexual em relação à personagem do sexo oposto) é apenas uma esquematização tendo em vista a complexidade da experiência. Freud, em “O Ego e o Id”, de 1923, afirma:

Um estudo aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, devido à bissexualidade originalmente presente na criança. Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe (8).

Entre a forma simples e a completa existe toda uma série de casos mistos que coexistem com as duas formas extremas e cabe ao analista descobrir as implicações do analisando em sua relação com o complexo de Édipo. Mas é em sua forma completa que Freud explica os componentes heterossexuais e homossexuais que existem na ambivalente atitude do menino para com o pai. Como, segundo Freud, na fase fálica, quando do apogeu do complexo de Édipo, só conta para ambos os sexos um só órgão, o falo, e, como é particularmente importante para a menina o apego à mãe na chamada fase pré-

edipiana, o complexo de Édipo na menina representa uma mudança de objeto de amor, da mãe para o pai. Estas duas questões apontam para uma especificidade do Édipo feminino. No menino o que o leva ao declínio do complexo de Édipo é a ‘ameaça de castração’ por parte do pai. O complexo termina de forma relativamente abrupta. O processo a que a criança é submetida é mais que um recalque. Freud diz que *“equivale, se for idealmente levado a cabo, a uma destruição e abolição do complexo (...). Se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que uma repressão⁶ do complexo, este persiste em estado inconsciente no id⁷ e manifestará mais tarde seu efeito patogênico”* (9a). Quanto à menina, Freud afirma que *“a renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza _ ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer _ do pênis para o bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente _ dar-lhe um filho”* (9b).

O complexo de Édipo ocupa posição preponderante na teoria freudiana, na medida em que Freud atribui a ele as seguintes funções fundamentais ao homem: a escolha do objeto de amor, a organização genital e a estruturação da personalidade.

O complexo de Édipo, depois da fase fálica, é revivido na puberdade e vai ser resolvido, de forma positiva ou negativa, com um tipo especial de escolha do objeto de amor. O objeto de amor de uma pessoa pode ser uma pessoa total, um objeto parcial, um objeto real ou um objeto fantasístico, uma entidade, um ideal etc.. Não se trata de qualquer objeto, mas sim de um objeto que possa satisfazer a pulsão, aquilo em que ou através do qual a pulsão pode atingir a sua meta. Ele é marcado por características singulares, por ‘investimentos’⁸ determinados pela história do indivíduo, principalmente a infantil, pelas identificações que ocorrem durante a vivência do complexo de Édipo e pela interdição do incesto. Portanto já na infância se efetua a escolha do objeto. Também com relação à organização genital, Freud acreditava, a princípio, que ela só se instituiu na puberdade. Progressivamente muda sua posição e, num capítulo acrescentado em 1923 a “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, afirma:

... o conjunto das aspirações sexuais orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar seus objetivos. Na infância, portanto, essa é a maior aproximação possível da forma definitiva assumida pela vida sexual depois da puberdade. A diferença desta última reside apenas em que a concentração das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da genitália não são conseguidas

na infância, ou só o são de maneira muito incompleta. Assim, o estabelecimento desse primado a serviço da reprodução é a última fase por que passa a organização sexual (7b).

Isto significa que Freud reconhece que, na infância, no que ele passa a chamar de fase fálica, uma organização da sexualidade “...que já merece o nome de genital, exhibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto, mas se diferencia num aspecto essencial da organização definitiva da maturidade sexual. E que conhece apenas um tipo de genitália: a masculina” (7c). No entanto, a forma madura da organização genital, que pressupõe o primado do falo, só se realiza na puberdade, após a superação do complexo de Édipo, pela via da identificação.

Por fim, a vivência do complexo de Édipo é fundamental na estruturação da personalidade, na constituição das diferentes instâncias, principalmente as do superego e do ideal do ego. Depois do apogeu do complexo de Édipo, é no período de latência (que compreende o período dos cinco ou seis anos de idade até a puberdade), que o complexo de Édipo entra em declínio e é quando se constituem as instâncias do superego e do ideal do ego.

A instância do superego se constitui a partir da interdição (real ou imaginária) do incesto pelo pai. Segundo Freud, a interdição pode operar de forma inconsciente. A criança interioriza a interdição e substitui o desejo edipiano pela identificação não com os pais, mas sim com a instância parental. O conceito de superego só consta da teoria freudiana em “O ego e o id”, de 1923, isto é, na segunda tópica. O termo ‘tópica’ vem do grego τόποι e significa teoria dos *lugares*. Baseando-se na neurologia, na psicofisiologia e na psicopatologia em voga na segunda metade do século XIX, Freud fundamenta sua teoria numa tópica psíquica da qual já fala em 1891. Costuma-se falar em duas tópicas freudianas. A primeira concepção tópica do aparelho psíquico aparece no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos (Die Traumdeutung, 1900)*. Esta primeira tópica distingue três sistemas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. A partir de 1920, Freud reformula sua concepção de personalidade e surge a segunda tópica onde intervêm as instâncias do id, do ego e do superego. O superego é o herdeiro do complexo de Édipo. É o resultado da interiorização da interdição paterna transformada em lei.

A princípio, não existe muita distinção entre superego e ideal do ego. Este seria uma subestrutura daquele na formulação da segunda tópica do aparelho psíquico. Trata-se de uma instância que

serve de modelo a que o ego deve conformar-se. Nas palavras de Daniel Lagache:⁹ “... o superego corresponde à autoridade e o ideal do ego à forma como sujeito deve comportar-se para corresponder à expectativa da autoridade” (10).

Freud afirma que a via real do inconsciente é o sonho, isto é, é através dele, sobretudo, que o inconsciente se revela. Infelizmente (ou não) A interpretação dos sonhos fica para outra ocasião.

Termino aqui este rápido apanhado não sem antes expressar a minha convicção de que a tentativa de desmerecer uma história de muitas décadas de investigação, observação e experiência de prática clínica, fundamentadas em estudos e trabalhos científicos de outros renomados médicos, neurologistas, antropólogos e cientistas de diversos campos será em vão. Estão aí as crianças para serem observadas, desde a vivência de satisfação até a superação do Édipo. Está aí o homem (e a mulher) em embate com suas neuroses ou perversões. Estão aí os sonhos, que para os leigos passam como sendo apenas estranhos, mas que para os leitores da *Interpretação dos sonhos* têm nítidos significados reveladores. Estão aí as grandes obras artísticas e literárias, cujos autores intuíram o que Freud, com muita dedicação e acerto, sistematizou. Quando Freud chegava aos Estados Unidos, ao contrário do que disse, não levava a peste. A peste, na verdade, é a medicalização desnecessária com a anulação do sujeito. Em troca de indeterminadas sessões de psicanálise, a medicação (que aciona uma poderosa indústria), porque a vida não é para ser vivida, mas sim atropelada. Freud tinha razão e sua teoria está aí para ser autenticada por autores como Machado de Assis, que como ele se debruçou sobre a alma humana. Fecho citando o artigo do professor Joel Birman no Estado a propósito da querela que colocou os psicanalistas no olho do furacão:

Eis o projeto político (a medicalização do espaço social) que está em curso na crítica da psicanálise promovida pelo *Livro Negro...*, no qual a performance do indivíduo seria o alvo estabelecido pelos novos paradigmas, com a anulação definitiva do sujeito e a promoção do controle social dos indivíduos

Uma questão a ser debatida.

Notas

1. S. Freud nasceu em Freiberg, na Morávia, em 1856, tendo sua família aí residido até 1859. Depois de passar alguns meses em Leipzig, Freud e

família estabelecem-se em Viena. O último ano de sua vida, Freud passou-o em Londres, onde se refugiara, para escapar às perseguições nazistas. Faleceu em 1939.

2. Libido é a energia de caráter quantitativo, embora não mensurável, da pulsão sexual. Enquanto a pulsão sexual é psicossomática, a libido é a pulsão sexual manifestada de forma dinâmica na vida psíquica.
3. O termo pulsão vem do francês *pulsion* introduzido nas traduções francesas como equivalente do alemão *Trieb*. Na língua alemã, existem os dois termos, *Instinct* e *Trieb*.
4. Neste apanhado geral do que seja a Psicanálise, tudo é muito breve e esquemático. As descobertas freudianas e a complexidade da psique humana não caberiam em tão poucas e mal traçadas linhas.
5. A noção de fase fálica é tardia, conforme veremos adiante, quando falarmos do complexo de Édipo.
6. Ou melhor, recalçamento.
7. Como veremos adiante, o id é uma três instâncias da segunda tópica freudiana. Equivale aproximadamente ao inconsciente da primeira tópica.
8. Investimento é energia psíquica (ou 'soma de excitação', ou 'valor afetivo') aplicada a uma representação, a um objeto, a uma parte do corpo etc..
9. *Apud Vocabulário da psicanálise*. Vide Bibliografia Geral.

Referências bibliográficas

- (1) FREUD, Sigmund (1996). "As psiconeuroses de defesa". In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.III.
- (2) _____ (1996). "A hereditariedade e a etiologia das neuroses" In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.III.
- (3) _____ (1996). "Novas observações sobre as psicoses de defesa" In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.III.
- (4) MEYER, Catherine (2005). *Le livre noir de la psychanalyse*. Paris: Les Arènes.
- (5) ROUDINESCO, Elisabeth (2005). *Pourquoi tant de haine Anatomie Du Livre noir de La Psychanalyse*. Paris: Navarin.
- (6) MILLER, J.A. (2006) *L'anti-Livre Noir de La Psychanalyse*. Paris: Seuil.
- (7a) FREUD, Sigmund (1996). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.VII, 214.
- (8) _____ (1996). "O eu e o id". In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XIX, 45-46.
- (9a) _____ (1996). "A dissolução do complexo de Édipo". In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XIX, 198.

(9b) _____ (1996). “A dissolução do complexo de Édipo”. In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.XIX, 197.

(7b) _____ (1996) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.VII, 76.

(7c) _____.(1996) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.VII, 76.

(10) LAGACHE, Daniel. “La psychanalyse et La structure de La personnalité”. In: *La psychanalyse*. Paris: P. U. F., v.VI, 39.

Bibliografia geral

FREUD, Sigmund (1996). *A edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.-B. (1992). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.